

RESENHAS

DO ESCRITO À TELA

Jerusa Pires Ferreira

Migozzi, Jacques (org.). *De l'écrit à l'écran*. Limoges, Pulim, 2000, 870 p. (Col. Littératures en Marge).

Na Faculdade de Letras da Universidade de Limoges, há a tradição de um consistente trabalho sobre as culturas populares. Assim o *Centre de Recherches sur les Littératures Populaires*, criado por Jean Claude Varcille, e atualmente dirigido por Jacques Migozzi e Claude Filteau. Por sua vez, Charles Grivel, da Universidade de Mannheim – Alemanha, e muito ligado ao grupo, fundou juntamente com outros pesquisadores, entre os quais me incluo, uma *Federação de pesquisadores das literaturas populares e transmediáticas*, que vem mantendo a tradição de realizar uma série de encontros. Nasceu daí este Colóquio de Limoges, conseguindo ainda maior êxito quanto o anterior, *Littératures Populaires (en questions)*, de 1996, fornecendo matéria-prima para este alentado trabalho de Jacques Migozzi, o da organização dos materiais e sua introdução síntese: *Do escrito à tela (De l'écrit à l'écran)*.

É o próprio organizador que nos diz que se trata de colocar mais uma pedra na vasta reflexão coletiva, reunida a partir de certo tempo, sobre as relações orgânicas que ligam ficção popular à cultura transmediática, em sua apresentação, vindo a significar um grande esforço de recuperação de dados, de possibilidades e de idéias. Não é apenas a ficção que está em causa, mas todo um conjunto de elementos e de indagações e achados de pesquisa sobre o mundo da edição popular, do Almanaque ao acervo das edições de textos de várias espécies, como os compêndios ou guias, das *Chaves dos Sonhos*, de que me ocupei aí, aos textos burlescos e à canção e à voz das ruas. Também contemplado o mundo do *western*, da fotografia, da televisão em suas várias possibilidades ficcionais, constituição de públicos, demandas, enfocados em sua história e modo de ser.

Os textos desse livro estão agrupados, a partir da própria e interessante divisão dos ateliês temáticos de trabalho.

Começa-se pela emergência da cultura mediática, cruzando abordagens históricas, antropológicas e literárias. Enfocando os impressos de larga circulação, dos séculos XVI ao XIX, anteriores à revolução do romance folhetim, até o impulso e triunfo de novas técnicas, fabricação e difusão. São aí contempladas lógicas, razões editoriais e práticas culturais ligadas aos novos meios de comunicação de massas.

Temos, em seguida, a consideração dos gêneros, meios e suportes, interrogando-se sobre as passagens do popular, suas transformações e mutações (termo da biologia) e, finalmente, as considerações sobre o poder irresistível da *imagem*, do século XIX ao XX, a partir da tela hegemônica, cinematográfica e televisual.

No conjunto dos trabalhos não foi deixada de lado a construção dos personagens transmediáticos, o processo estereotipador, inerente à cultura mediatizada e a força protótipo de certas figuras: esquemas, *topoi*, ícones, bem definidos. Assim os heróis, ou os anti-heróis, seus antagonistas.

Tendo como mola propulsora a questão da *imagem*, sua vocação para a figura, sua indissociabilidade do texto no mundo da ficção e da edição popular, a partir do momento histórico da introdução de novas invenções e técnicas, inclusive a da fotografia, temos as considerações de todo um impulso rumo a ela. Há um irrecusável desejo de figura, como nos diz Charles Grivel, em seu belo texto, que acabamos de traduzir: *A passagem à tela-literatura dos híbridos*, onde o autor discute a revolução dos meios e as inovações gráficas a partir do século XIX.

Destacam-se aí contribuições muito consistentes, assinadas por especialistas das respectivas áreas, como o é o caso daquela trazida pelo historiador da Cultura Jean Yves Mollier, em que tenta traçar aquilo que chama de gênese e desenvolvimento da cultura mediática do século XIX ao XX, bem como o de Dominique Kalifa, que produz e propicia toda uma discussão crítica e a periodização do que denomina regime mediático. Temos aí também a comunicação, muito bem ilustrada, sobre os Almanques conhecidos como *Méssagers Boîteux*, muito bem ilustrada e a cargo de Hans Jurg Lüsebrink, um especialista desse tema, ou de Jean François Botrel sobre um folheto espanhol conexo ao drama de Romeu e Julieta. Abre-se então espaço para a consideração sobre a fatia dos almanques populares, sua criação e transmissão.

Julie Boch, de modo bem original discute o estilo *poissard* e suas origens burlescas e contestatárias, atendo-se à definição dos gêneros populares. Denis Saint Jacques, pes-

quisador do Creliq, aborda o problema da transmediação, da perspectiva daquilo que denominou uma breve história de uma pacífica revolução popular.

São discutidos neste volume, em várias ocasiões, as noções de público, de leitores e ouvintes aos que vêm e assistem, a materialidade das edições, o regime da imagem do papel às telas, o partido das novas tecnologias, da fotonovela ao rádio, ao texto impresso, ao videoclipe. Aliás, Roger Chamberlando, em *O video-clip: um texto transgenérico*, nos conduz também ao questionamento e à observação da imagem, no que toca ao mundo da publicidade, uma estética em que predomina a função publicitária. Outros trabalhos vão trazer a canção, como o de Maria Spiropoulos, a canção sentimental, como o de Ellen Constans, a tantos outros que privilegiam a música de fossa e suas estratégias ao folhetim e ao rocambole, tendo Alexandre Dumas sempre no centro da cena.

Em abordagem que trata das séries televisivas (também traduzido para o português e publicado na *Revista Olhar*, n. 4, Departamento de Cinema da Ufscar) Claude Filteau comenta as adaptações da literatura para estas séries, destacando a importância desta ação cultural da imagem, e seu alcance didático. Aí também Lise Queffélec aborda a passagem do folhetim-impresso ao televisivo, mito e ficção, analisando suportes e comparando objetivamente jornal e televisão; ela introduz aí reflexões sobre imaginário e narrativa.

Impossível enumerar, ou sintetizar, ou citar todos textos da coletânea, como o fez o organizador desta coletânea de 870 páginas. Trago aqui alguns exemplos para dar conta da relevância de seu conjunto. Aproveito, no entanto, para destacar a contribuição brasileira dos estudos sobre a telenovela, representada por Pina Coco, Sílvia Borelli e Roselys Baptista.

Não posso deixar de mencionar como é original o trabalho de Jacques Migozzi, a nos oferecer imagens dos selos do correio, que o autor passa a considerar como um lugar de memória transmediática, a partir de formulação de Pierre Nora. Presentes, ainda, com contribuições bem originais, os pesquisadores do Creliq do Québec, como o da história das divas do cinema em imagens plangentes, por Julia Bettinotti, ou o trabalho de Marc Guillaumie, que aborda uma espécie de pré-história da imagem no cinema e na literatura, oferecendo vasta e original iconografia.

Portanto, e contando tudo isso, do mito ao papel social, dos roteiros à sua realização, à transposição de linguagens, de meios, de veículos, define-se a imagem, integrando uma forma muito ativa de percepção, inseparável hoje de nossas vidas. Expansão ficcional, transgenérica, observação de contínuas novas práticas de recepção e consumo,

em que a imagem-soberana firma seu estatuto de representação e coordenação de sentidos, muitas vezes dispersos.

Este livro, que traz uma rica e diversificada bibliografia, oferece alguns pontos de partida para uma série de observações e esclarecimentos, bem como complementações. Tem grande interesse para o historiador, sobretudo no que toca o entendimento de processos que organizam a complexidade e o trato da imagem, sua presença em várias dimensões da figuralidade (espaço figural para Lyotard, figura para Auerbach), ou a dimensão icônica tão evidenciada pela semiótica (o ícone, a retórica icônica), ou ainda para o alcance mais significativo do que hoje chamamos de texto cultural.